Release

Linha fina

A consagrada peça de Calderón de La Barca, expoente da dramaturgia barroca do Século de Ouro Espanhol, traduzida pela renomada poeta e dramaturga brasileira Renata Pallottini, falecida em 2021.

# Título

A vida é sonho

# Autor

Calderón de La Barca

# Nacionalidade

Espanhola

# Coedição

# Título original

La vida es sueño

# Copyright

Renata Pallottini (trad.)

# Categoria

Literatura espanhola

# Escola

Teatro espanhol, barroco

# Palavras-chave

Teatro barroco, teatro espanhol, teatro do século XVII

Categorias BISAC

Drama / Antigo & Clássico

Artes dramáticas / Teatro / dramaturgia

Ficção / Clássicos

Categorias THEMA

DD (Dramaturgia)

DB (Textos clássicos, anteriores ao século XIX)

AT (Peças de teatro)

Coleção

Hedra Edições

# Edição

Jorge Sallum e Suzana Salama

# Tradução

Renata Pallottini (1931-2021) foi poeta, dramaturga, tradutora e ensaísta. Graduou-se em filosofia pela PUC-SP, em 1951, e em Direito pela USP, em 1953. Em 1959-1960, estudou cultura espanhola na Universidade de Madri, com bolsa de estudos do governo espanhol. A seguir, em 1961-1962 foi a primeira mulher a frequentar o curso de dramaturgia da Escola de Artes Dramáticas da Universidade de São Paulo, onde lecionou, a partir de 1964, e defendeu o doutorado, em 1982, sob a orientação de Sábato Magaldi. A produção como dramaturga se inicia com *A Lâmpada* (1961), *Sarapalha* (1962) e *O Crime da Cabra* (1965), e segue até 2002, com *Enquanto se vai morrer*. Pallottini traduziu e adaptou para a língua portuguesa peças e obras literárias estrangeiras, além de escrever roteiros consagrados para televisão, como os das séries *Malu Mulher* e *Carga Pesada*. Na poesia publicou mais de vinte livros, desde 1952, com *Acalanto*, até *Poesia não vende*, em 2016. A seu romance de estreia, *Mate é a cor da viuvez*, que chegou ao público em 1975, seguiram-se mais quatro, até *Eu fui soldado de Fidel*, em 2015. Renata Pallottini sucedeu Cacilda Becker na presidência da Comissão Estadual de Teatro da Secretaria de Cultura, em 1970, pertenceu à diretoria da União Brasileira de Escritores, pela qual recebeu o Troféu Juca Pato em 2017, e ocupou, a partir de 2013, a vigésima cadeira de Academia Paulista de Letras.

# Introdução

Luís Filipe Lima é doutor em história social pela Universidade de São Paulo. É professor de história moderna da Universidade Federal de São Paulo. Atua como pesquisador no Cedope, UFPR, e na Cátedra Jaime Cortesão, USP.

Ricardo Valle é doutor em letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e leciona literatura na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

# Capa

Lucas Kröeff

# Data lançamento

Previsão: 22/2/2024

# Sobre o livro

*A vida é sonho* (*La vida es sueño*, 1635) é uma das mais conhecidas e encenadas comédias de Calderón de la Barca. Como tragicomédia, a peça se vale dos recursos da farsa para representar o grave assunto da *vanitas*, ou vaidade da vida. A finalidade moral que assume em seu tempo é, pois, ensinar a lição do Eclesiastes: a de que é vã a vida humana sobre a terra, não passando de vaidade e aflição do espírito aqueles bens que aos homens pareçam honra, glória, riqueza ou distinção.

# Sobre o autor

*Calderón de la Barca* (Madri, 1600–1681), poeta e dramaturgo espanhol, foi o grande e último sucessor de Lope de Vega na dramaturgia da Idade de Ouro. Destinado a seguir carreira eclesiástica, estudou teologia, direito e artes, primeiro na Universidade de Alcalá, depois em Salamanca. Por volta de 1620, contra a vontade do pai, ingressou na carreira militar, mas pouco depois começou a escrever comédias. Dedicou-se então à produção literária e tornou-se o dramaturgo oficial da corte do rei Felipe IV, que o sagrou Cavaleiro da Ordem de São Tiago em 1636. Sua popularidade não se restringiu à corte: suas primeiras peças obtiveram grande aceitação, e, com a morte de Lope de Vega em 1635, Calderón tornou-se o grande mestre dos palcos espanhóis. Ingressou na ordem religiosa, como padre, aos 50 anos, e em 1663 foi nomeado capelão honorário de Felipe IV. Alguns dos temas recorrentes em sua dramaturgia, imbuídos de um refinado simbolismo, são a fidelidade ao rei, a fé católica, a honra pessoal e o espírito cavalheiresco.

# Trechos do livro

## Trecho 1:

BASÍLIO

Sobrinhos, dai-me os braços. E já que vindes com tão efusivas provas de afeto e sois leais à minha paterna autoridade, acreditai que a ninguém deixarei descontente. Ficareis nivelados os dois. Prestai atenção, meus amados sobrinhos, ilustre corte da Polônia, vassalos, parentes e amigos: confesso-me rendido ao peso dos anos e, nesta ocasião, só vos peço o silêncio. Já sabeis que as sutis ciências matemáticas são as que mais curso e estimo; sacrifico-lhes o meu tempo e desprezo a fama em seu benefício, para me instruir mais todos os dias. Leio estes livros tão rapidamente que o meu espírito acompanha no espaço as rápidas mudanças dos astros. Prouvera ao céu que eles não viessem jamais a concretizar-se consumando a minha tragédia, que já há anos venho adiando e sofrendo. Peço outra vez atenção para que observeis a minha conduta.

*[adianta-se]*

De Clorinda, minha esposa,

tive um desgraçado filho,

para cujo parto os céus

se esgotaram em prodígios.

Antes que à formosa luz

lhe desse o sepulcro vivo

de um ventre (porque o nascer

e o morrer são parecidos)

sua mãe, muitíssimas vezes

entre idéias e delírios

sonhou que ele rompia

suas entranhas, atrevido,

qual monstro em forma de homem:

e por seu sangue tingido

dava morte à sua mãe,

sendo assim humana víbora.

Chegou o dia do parto

e os presságios se cumpriram.

Foi tal a força dos astros

que o Sol, no seu sangue tinto,

entrou a lutar com a Lua

como dois faróis divinos.

Foi este o maior eclipse

pelo Sol já padecido,

desde que chorou com sangue

a crua morte de Cristo.

Julgou-se que o Sol morria

no último paroxismo.

O céu se obscureceu,

tremeram os edifícios,

choveram pedras as nuvens

e correu sangue nos rios.

Assim nasceu Segismundo

dando-nos os maus indícios

porque matou sua mãe

e foi como se dissesse:

``homem sou; porque começo

a pagar mal benefícios''.

Vi que meu filho seria

o homem mais atrevido,

o príncipe mais cruel

e o monarca mais terrível.

Com ele o reino seria

totalmente dividido,

escola de traições

e academia de vícios.

E que eu a seus pés seria

roto, pisado e ofendido.

Acreditei nos presságios

porque são vozes divinas

e resolvi encerrar

em prisão o mal-nascido,

para ver se o sábio tem

sobre as estrelas domínio.

Mandei contar que o infante

morrera quando nascido;

fiz construir uma torre.

Nessa torre é que ele vive,

pobre, mísero e cativo.

Só digo três coisas mais:

a primeira é que te estimo

tanto, Polônia, que quis

livrar-te de um rei indigno.

A segunda é a minha dúvida

sobre o direito que tive

ao desviar de meu sangue

honra que lhe era devida.

Pois para evitar que o faça

fiz a meu filho um delito.

Esta é a última e terceira:

talvez um erro haja sido

acreditar-se nos astros

quando existe o livre-arbítrio.

Por todas essas razões

decidi propor-vos isto:

amanhã vou colocar

no meu lugar o meu filho;

sem que ele saiba quem é

será rei qual tenho sido.

Com isso conseguirei

três respostas aos três itens:

primeira --- se ele for

calmo, prudente e benigno,

desmentirá de uma vez

totalmente o seu destino.

Segunda --- se for cruel,

soberbo, ousado e atrevido,

saberei que estive certo,

minha obrigação cumprindo.

Finalmente, se assim for,

tereis soberanos dignos

de minha coroa e cetro:

esses serão meus sobrinhos,

unidos em matrimônio

um do outro merecidos.

## Trecho 2

BASÍLIO

Pois muito me desgosta, príncipe, vir te ver, esperançado em te encontrar prudente e triunfante de fados e estrelas, e, em vez disso, te encontrar de ânimo tão áspero, que a primeira ação que neste momento praticaste foi um grave homicídio. Com que amor poderei agora estender os meus braços para estreitar os teus, se sei que eles são capazes de matar? Assim, eu, que vejo nos teus braços o instrumento desta morte, afasto-me deles. E embora tivesse desejado cingir amorosamente o teu peito, vou embora sem o fazer, pois sinto medo dos teus braços.

SEGISMUNDO

Posso prescindir disso, como até agora. Um pai que sabe usar contra mim tanta rudeza que de si me afasta, negando-se como pai, para me criar como uma fera e me tratar como um monstro, e chega a desejar a minha morte, convence-me da pouca importância que tem isso de não me dar os braços, porque me tira, afinal, a qualidade de ser humano.

BASÍLIO

Prouvera ao céu e a Deus que eu não tivesse chegado a dar-te vida, pois não escutaria a tua voz nem veria o teu atrevimento.

SEGISMUNDO

Se não me tivesses dado o ser, não me queixaria de ti. Mas, já que nasci, queixo-me porque me negaste. Embora dar seja a ação mais nobre que existe, é baixeza dar, para depois retirar.

BASÍLIO

Nem me agradeces o te haver de repente transformado de pobre prisioneiro em príncipe?

SEGISMUNDO

Que tenho eu de agradecer-te por isso? Tirano da minha vontade, se estás velho e caduco, que me dás ao morrer? Só o que é meu. És meu pai e meu rei. Logo, toda a grandeza da minha condição me é dada pela natureza, pelo direito da sua lei. Poderia, isso sim, pedir-te contas pelo tempo que me negaste liberdade, vida e honra. Deves agradecer que eu não cobre de ti, porque és tu o meu devedor.

BASÍLIO

És bárbaro e atrevido; cumpriu o céu o que ditou. Portanto, apelo para ele. Ainda que saibas agora quem és, e estejas informado, ouve bem este aviso: sê humilde e brando, porque talvez estejas a sonhar por mais que te sintas desperto.

# Imprensa